

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS –GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sirlei de Souza França

**FÁBULAS NA SALA DE AULA: A RELAÇÃO ENTRE A COERÊNCIA
E A PARAGRAFAÇÃO NO GÊNERO FÁBULA**

Belo Horizonte

2010

Sirlei de Souza França

**FÁBULAS NA SALA DE AULA: A RELAÇÃO ENTRE A COERÊNCIA E A
PARAGRAFAÇÃO NO GÊNERO FÁBULA**

Trabalho apresentado ao programa de Pós –
Graduação Especialização Lato Sensu em
Docência da Educação Básica da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Alfabetização e
Letramento.

Orientadora: Lúcia Fernanda Barros

Belo Horizonte
2010

Sirlei de Souza França

**Fábulas na sala de aula: a relação entre coerência e paragrafação no gênero
fábulas**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Lúcia Fernanda Barros

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros – Faculdade de Educação da UFMG

Miria Gomes de Oliveira

Miria Gomes Oliveira – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho prioriza o processo de produção de texto, e busca compreender todos os aspectos que envolvem a estruturação do mesmo, fazendo uma análise das principais dificuldades dos alunos na produção textual, como a pontuação, paragrafação coerência e coesão.

Levando-se em consideração que as crianças ao produzirem seus primeiros textos, reproduzem na escrita as características da língua falada, é importante que o professor reconheça esse processo e crie estratégias para que os alunos compreendam as especificidades da oralidade e escrita, fazendo-os avançar na apropriação do texto escrito.

O presente trabalho foi desenvolvido em uma turma de 3º ano do 1º ciclo, apresentando como suporte o gênero fábulas.

Palavras-chave: produção de textos

SUMÁRIO

1-Descrição da escola e perfil da turma.....	4
2-Justificativa.....	6
3-Delimitação do problema.....	11
4- Objetivos.....	18
5- Metodologia.....	20
6-Cronograma.....	26
7-Avaliação dos resultados.....	28
8- Referências Bibliográficas.....	29
9- Anexos.....	30

Descrição da escola

A Escola Municipal Deputado Renato Azeredo, situa-se no bairro Maria Helena, regional Venda Nova em Belo Horizonte. A escola foi construída na divisa da capital e de Ribeirão das Neves e atende alunos destes dois municípios.

A escola foi fundada em dezembro de 1985. Possui 16 salas de aula, um laboratório uma biblioteca, uma quadra poliesportiva, um parquinho que é utilizado pelos alunos do 1º ciclo, uma grande área livre onde as crianças se divertem na hora do recreio e uma horta que ajuda na complementação da merenda escolar.

São atendidos 738 alunos do 1º, 2º e 3º ciclo. A maior parte dos professores está na escola desde sua inauguração há 25 anos.

Perfil da turma

Os alunos se encontram no 3º ano do 1º ciclo escolarização. A turma é composta por 25 alunos, sendo um aluno com necessidades especiais, 5 alunos que ainda não estão alfabetizados.

É uma turma comunicativa, participativa e interessada, principalmente pela literatura. Gostam muito de ouvir histórias.

São bem integrados e se relacionam cordialmente, brincam quase sempre em grupo. Como todas as crianças desta idade fazem grupos femininos masculinos. O Bairro e a escola constituem os principais espaços de lazer dos alunos.

A grande maioria dos pais e mães dos alunos dedica pouco tempo à educação seus filhos, devido às exigências do trabalho. Isso faz com que muitos dos nossos alunos fiquem

sozinhos em casa, contando apenas como a companhia dos irmãos. Este aspecto dificulta a comunicação entre a escola e a família.

Foi observado no início do ano letivo que a turma era muito heterogênea, mesmo os alunos mais avançados em relação a aquisição de aprendizagem, apresentavam muitos problemas relacionados, a leitura, interpretação e produção de textos.

Uma vez por semana (quintas - feira) eles têm aula de biblioteca. Nessa aula eles escolhem um livro de acordo com a preferência. Esse livro fica com eles por uma semana. Entre os livros escolhidos seleciono alguns para realizar uma leitura com a turma. Isso gera uma grande expectativa entre eles, porque todos querem ter o livro escolhido. Percebo que ao ler a história, a mesma se torna fantástica para os alunos, e durante várias semanas aquele livro se torna o mais disputado para empréstimo na biblioteca.

Justificativa

Este é o primeiro ano que eu estou com a turma, percebi logo no início do ano que os mesmos possuem muita dificuldade em produção textos escritos.

A turma vem apresentando um baixo desempenho nas avaliações de Língua Portuguesa em relação às outras duas turmas do mesmo segmento.

Quando eu entrego aos alunos um texto todos perguntam se é para fazer uma cópia do mesmo. Diante da minha negativa, eles mostram surpresos e me relatam que nos dois anos anteriores eram solicitados a fazerem cópias.

Ao serem solicitados a produzirem um texto, demonstram insegurança, desarticulação de idéias e uma preocupação em não conseguirem preencher toda a folha. Na maioria das vezes, eles escrevem até a metade da folha e colocam a palavra “FIM” bem grande para ocupar a outra metade da folha. Outras vezes, eles escrevem duas frases e perguntam se já está bom. Diante da minha negativa, escrevem mais uma e perguntam novamente, e assim sucessivamente até mostrarem um cansaço e certa irritação. Percebo, com isso, que falta uma motivação maior para escreverem.

Leal (1991, p.90) chama a atenção deste fato recorrente que é a escrita da palavra “fim” nos finais do texto. Essa palavra, segundo a autora, é profundamente significativa, pois representa a necessidade do aluno expressar que já concluiu sua tarefa.

Por que os alunos apresentam tanta resistência, quando são solicitados a produzirem textos? E em muitas situações se negam a escrever e ficam “enrolando” para que o tempo passe rápido e a aula termine?

Muitas vezes me deparei com a seguinte cena: os alunos em meio a uma produção de texto, soa o sinal e a alegria brilha no rosto deles, surge então a pergunta: professora posso terminar em casa?

Ao corrigir as produções de texto dos alunos me deparo com inúmeros problemas relacionados à ortografia, paragrafação, coerência entre outros. Muitas vezes eles começam a escrever e não conseguem concluir as idéias e na tentativa de dar um “basta” ao texto eles colocam a frase: “... e eles foram felizes para sempre”.

Analisando os textos dos alunos, observa-se que em determinados momentos os mesmos deixam de marcar as mudanças de enunciadores deixando o leitor na dúvida sobre quem esta falando.

Os textos a seguir ilustram bem essa situação:

Texto 1

a cigarra e a formiga
era uma vez uma formiga
ela catava comida para o inverno
ai o inverno voutou ai a cigarra
foi na caza da formiga e pidiu
ajuda a formiga falou que sidane

Fin fin

Aluno: Gabriel

Texto 2

a cigarra e a formiga
a formiga so ficava trabalhamdo
a cigarra so ficava cantando
quamdo u inverno chegou
a cigarra bateu toque toque
ai abriu a porta
euestou morendo de fome
Oque você fes neste verão
Cantando então civira ai fecho a porta

Fim

Aluna: Camila

Texto 3

a cigarra e a formiga

a cigarra estava cantando no veirão

enguato a formiga estava trabaliando

ai guando chegou o inverno a cigarra não

tinha nada para coumer

ai a cigarra resolvel pidi a sua visinha formiga ai a cigarra

pidiu porfavormiagudi estol com fome medar um pouqu de comida

o que você estava fazendo durandi todo o veirão

Eu estava cantando a e pois agora danci e ficho a porta na cara dela

Aluno: Madson

Os alunos usam marcas da oralidade na construção dos textos:

ai o iverno voutou ai a cigarra foi na caza da formiga.

Nos três textos observa-se que os alunos não fazem uso de nenhum sinal de pontuação (dois pontos, parágrafo, travessão). No texto 2 e 3 as vozes da cigarra e da formiga e os espaços enunciativos não são introduzidos por nenhum tipo de marcador que diferencie as duas instancias representativas.

Ao produzirem esses textos os alunos estão operando com a hipótese de que podem usar na escrita, mudanças de turno entre enunciadores da mesma forma que se usa na fala.

No texto 1 o aluno usa o verbo *dicendi* para introduzir a voz da formiga:

a formiga falou que sidane

As causas destes problemas verificados nos textos dos alunos podem estar relacionados à falta de sistematização com o trabalho de pontuação.

Foi verificado que os mesmos recorrem várias vezes aos conectivos “ai” e “e”.

Para Cardoso (2000, p.152) essas palavras têm a função de organizador textual para mostrar a sequência de fatos da mesma ordem em que aparecem na linguagem oral. O conector “e” funciona como um “gancho”, que representa para a criança que escreve a possibilidade de dar sequência á atividade de linguagem.

O texto abaixo é um exemplo do uso de “e” como unidade de ligação.

A cigarra e a formiga

Era um vez uma cigarra e um formiga durante o verão a cigarra so ficava cantando e as formiga soficava trabalhando para arumar suas cômoda e a cigarra foi na casa das formigas e bateu na porta toque toque e a cigarra falou formiga me ajuda e a formiga falou o que você fez no verão eu fiquei catando e tão dança

Moral da história deve prever o dia de amanhã FIM

Aluno:Victor

Para solucionar os problemas identificados acima, optei por trabalhar com fábulas, porque normalmente são textos pequenos e de fácil compreensão.

As histórias contadas pelas fábulas referem sempre ao mundo humano, mesmo quando os personagens são animais. Nelas os animais são personificações dos seres humanos. Pois eles agem sempre como homens: falam, brigam discutem e tem sentimentos humanos. As fábulas apresentam duas partes distintas: uma história, geralmente protagonizada por animais e um comentário de fundo moral.

As fábulas apresentam geralmente situações de confronto e mostram diferentes estratégias usadas pelos personagens na busca dos seus objetivos.

A moral no final é uma espécie de interpretação do simbolismo do texto, explicando ao leitor em que situação ela pode ser aplicada.

No caso das fábulas, em que a organização está no eixo da narrativa, sua estrutura está relacionada às ações seqüenciadas no tempo e as características que possuem a estruturação de uma narrativa, como:

- Apresentação do cenário
- Situação inicial
- Complicação
- Resolução e desfecho

Para fundamentar minha proposta de trabalho, realizei as seguintes leituras: tipologia textuais e a produção de textos na escola de Jane Quintiliano Guimarães Silva(1995), *A escrita aprisionada uma análise da produção de textos na escola*, Leiva de Figueiredo Viana Leal (1991), *A socioconstrução do texto escrito uma perspectiva longitudinal* de Cancionila Janzkovski Cardoso(2000). O caderno do Ceale : *A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula* de Isabel Frade e Ceris Silva e *Produção de textos escritos construção dos espaços de interlocução* de Martha Lourenço Vieira e Maria da Graça Costa Val (2005) o qual foi importante para compreender quais são as hipóteses construídas pelas crianças ao produzirem um texto escrito.

Delimitação do problema

“(...) A teoria cumpre a mesma função que a rede para o equilibrista. O equilibrista precisa dela como sustentação, para poder inventar novas piruetas no fio por onde caminha. Em nossa prática, tal como equilibrista, temos que ir nos equilibrando e descobrindo novas piruetas. A teoria é essa rede que nos ampara e nos permite transitar por esse caminho tão cheio de riscos. Se carecemos dela, não haverá possibilidades de inventar novos recursos e descobrir que meio utilizar em cada ocasião.

(Alicia Fernandez. In A mulher escondida na professora, porto Alegre, Artes Médicas,1994.)

Resolvi fazer da dificuldade dos alunos em produzir textos o meu desafio. Primeiramente foi necessário compreender a base dos problemas, para isso busquei ajuda nas teorias que tratam desta questão.

Vieira e Costa Val (2005, p. 8) ressaltam a importância do professor compreender e identificar o tipo de problema enfrentado pelas crianças na fase inicial do processo de produção escrita, para então poder fazer uma correta intervenção e ajudá-los a avançar na apropriação do texto escrito. Para essas autoras é preciso que o professor crie situações que possibilitem aos alunos oportunidades de vivenciar a escrita como forma de interação. Sendo necessário também fazer com que os alunos reflitam através destas indagações: Para que e para quem estou escrevendo? Será que o leitor vai compreender o meu texto?

Essas questões são também levantadas pelas autoras Frade e Silva (2005,p.23). De acordo com as mesmas, os professores são capazes de identificar os erros que seus alunos cometem quando estão aprendendo a ler e a escrever. Entretanto, muitos desses erros são difíceis de serem analisados, pois o professor não consegue saber exatamente as razões pelas quais um aluno escreve de um jeito ou outro uma determinada palavra, frase ou texto. Os “erros” são considerados “construtivos”, porque constituem hipóteses elaboradas pela criança no seu esforço por compreender aquilo que está aprendendo (seu objeto de conhecimento).

Os erros devem ser considerados úteis para o professor, porque dão pistas sobre como a criança está raciocinando e possibilita, portanto, quer ele compreenda e acompanhe seu aprendizado. Ao produzirem textos as crianças desenvolvem diferentes capacidades: definir para que se escreve e para quem se escreve, organizar o texto conforme o gênero textual escolhido, usar as convenções da escrita para tornar o texto legível para o leitor.

É fundamental que, desde o início do processo de escolarização, os alunos aprendam a escrever com finalidades variadas e para diferentes leitores (interlocutores). É importante que o professor saiba identificar esse processo e até mesmo valorizá-lo como sendo desafios os quais todas as crianças no processo de alfabetização terão que vencer.

De acordo com Vieira e Costa Val (2005), quando a criança aprende a escrever passa por um processo de expansão das possibilidades enunciativas. A apropriação de mecanismos de controle global do texto escrito está relacionada com a apropriação de técnicas utilizadas para marcar as relações entre as idéias e a posição do enunciador do texto.

Segundo as autoras, aprender a produzir textos escritos significa a capacidade de representar na escrita a atividade de interação lingüística que ocorre na oralidade. Partindo deste pressuposto as crianças seus primeiros textos tomam como ponto de partida seus conhecimentos da linguagem. As autoras afirmam que os alunos utilizam o conhecimento lingüístico internalizado para produzirem seus textos escritos e que quando falamos e escrevemos estabelecemos um espaço de interlocução entre quem produz o texto e quem o recebe e interpreta.

Benveniste (apud Vieira e Costa Val, 2005, p.12, 1988) conceituou esse processo da seguinte forma: “Aquele que fala ou escreve o texto é o enunciador e quem recebe O texto (ouve ou lê), é chamado de enunciatário. O ato de tomar a palavra é chamado de enunciação, estabelecendo uma instancia de enunciativa.” Desta forma, de acordo com a autora, quando introduzimos um personagem no texto estamos criando uma nova instancia de enunciação.

Ao observar os textos dos alunos percebe-se que os mesmos possuem as características usuais da oralidade. O que é esperado e que os mesmos compreendam e consigam representar na escrita o texto falado levando em consideração que a oralidade e a escrita possuem especificidades distintas. O planejamento de um texto é definido como um modelo essencialmente lingüístico, por isso é importante também trabalhar a oralidade.

De acordo com Leal (1995, p.129), o texto é fruto de uma interação em que há um sujeito que diz a sua palavra, na tentativa de estabelecer uma interlocução com um leitor possível. Não se trata simplesmente de preencher uma lacuna, mas de dizer algo que possa ser compreendido pelos leitores.

O que podemos observar é que os alunos aprendem a produzir textos quando lêem ou escutam a leitura de bons modelos e aprendem, junto, a respectiva finalidade, a estrutura global, a síntese das frases e o vocabulário. Também aprendem a produzir textos quando o professor escreve por eles e coloca desafios adequados, no momento da elaboração do texto.

Para produzir um texto escrito, é necessário:

- Um motivo válido;
- Um processo de geração de idéias;
- Sua organização em frases e períodos que façam sentido, dentro de uma estrutura de texto;
- O registro por escrito;
- Sua comunicação a alguém.

O escritor que já possui todas essas habilidades produz um texto de maneira integrada. Entretanto, coordenar essa série de ações mentais e materiais, no período inicial da alfabetização, pode se tornar um problema.

Em nossas aulas de produção de texto, explicamos aos alunos que um texto precisa ter início, meio e fim. Mas percebo que essa frase não esclarece nada e se tornou um “jargão”

usado por muitos professores no sentido de orientar os alunos, mas que na verdade é uma forma ingênua e simplista de achar que dizendo isso vão ser resolvidos todos os problemas de coerência e estruturação dos textos por eles produzidos. Dizer somente que um texto precisa ter início, meio e fim não orienta em nada aos alunos e não fornece suporte para o desenvolvimento dos mesmos na produção textual.

Segundo Silva (1995,p.111), as operações de planejamento evidenciam que o texto é organizado em partes distintas eventualmente hierarquizadas. Trata-se da construção do plano global de organização seqüencial, caracterizada ao mesmo tempo pela ativação e organização dos conteúdos presentes na memória do escritor.

Para Cardoso (2000, p.80), a paragrafação precisa ser tematizada para poder ser aprendida. Segundo a autora é preciso criar situações como forma a possibilitar aos alunos a compreensão de que há critérios que são utilizados para organização de um texto em parágrafos, e que os critérios de paragrafação não são fixos, podendo variar de acordo com o estilo do texto.

Em relação a sequência lógica, a autora afirma que mesma esta diretamente relacionada a coesão e a coerência que são dois conceitos que permitem verificar se um texto está bem ou mal organizado, no entanto, esses conceitos não podem ser analisados fora da situação de interlocução.

Bakhtin(aput Cardoso 2000 p. 114) chama a atenção para o fato da extrema variedade da composição sintática dos parágrafos. Lembra que estes podem conter, desde uma única palavra, até um grande número de orações complexas. Tal variedade coloca problemas para análise, pois dizer que um parágrafo deve conter um pensamento completo não ajuda muito. Para o autor, o que é preciso afinal, é uma definição do ponto de vista da linguagem e em nenhuma circunstância pode a noção do “pensamento completo,” ser considerada como uma definição lingüística. No nível da trama textual paragrafação introduz uma maior intensidade nessas rupturas cada mudança de parágrafo corresponde uma fase do texto narrativo.

De acordo com Cardoso (2000 p. 80) a pontuação tem a função de dividir o texto, e ao mesmo tempo, funciona como um “cimento” que rejunta as unidades articulando-as ao texto contexto formando uma “conexão e segmentação”.

A autora conclui que existem dois aspectos a considerar como função as unidades de pontuação: colocar em evidência quem fala no texto e organizar o conjunto do texto no nível global (partes do texto).

Nessa perspectiva podemos concluir que a pontuação e a paragrafação têm função de organizar o texto para facilitar o entendimento do mesmo pelo leitor, aumentando a legibilidade do texto.

Em suma, considero que o trabalho de pontuação precisa ser sistematizado e não se deve acreditar que as crianças vão aprender a pontuar e usar paragrafação em um texto, somente através da interação com textos escritos e que este aprendizado se dará de forma espontânea.

Durante todo o desenvolvimento deste plano de ação trabalhei muito com a reescrita das fábulas, por considerar essa como uma atividade importante para perceber a capacidade do aluno registrar com suas palavras o texto que ouviu. Entretanto alguns autores como Leal (1991,p.138), criticam a reescrita por considerar que o aluno reproduz o que leu ou ouviu se restringindo apenas a imitar o texto pronto.

“Os alunos repetem o modelo, tendo a ilusão de que estão sendo autores de um texto. A autoria, nesse caso, é lhes negada, a saber, controlada pelo autor do texto fornecido pelo professor. Quer dizer, ele não é autor real, como sujeito que escreveu um texto, mas que repetiu o discurso do outro. Portanto, escrever não é escrever. O autor real escreve, o aluno não escreve: transcreve, imita, copia. A paráfrase, então, tal como acontece nas escolas, não contribui para o aprendizado da escrita, uma vez que o aluno interioriza uma noção de que escrever é imitar e não se constituir como sujeito de sua própria linguagem. Ideologicamente a escola reforça esse aprendizado: escrever aprende-se com outros, escrever é continuar o pensamento do outro... ou seja, o mais

importante não é o que o aluno tem a dizer, mas é o que o outro diz. É o exercício da metalinguagem escrever com outras palavras o que já está escrito.”

Leal (1991, p.138)

As afirmações acima apresentam fundamentos, quando o professor solicita a atividade sem ter claros seus objetivos e sem nenhuma contextualização. A reescrita possui sentido e é relevante quando é contextualizada com outros tipos de atividades e quando é inserida em uma proposta de trabalho, como parte de uma etapa em que se faz necessário um maior direcionamento da produção de textos. Mesmo o texto sendo uma reescrita de outro texto. Observa-se que ele possui suas particularidades.

Os vinte e cinco textos produzidos pela turma na reescrita da fábula “a cigarra e a formiga” apresentam características distintas e revelam como o aluno absorveu e compreendeu o texto, ao realizar essa atividade ele não deixou de ser sujeito do seu texto.

Leal (1991) afirma que a reescrita trata-se de uma prática que permite dizer, mas não permite pensar.

Entretanto alguns autores defendem a importância da reescrita, como Frade e Silva (2005, p.44) elas afirmam que para intervir na construção do registro alfabético ortográfico, podemos trabalhar com a reescrita de pequenos textos já conhecido, que serão registrados em grupo, em dupla ou individualmente, conforme diagnóstico feito da situação de cada criança e da turma. Desse modo, os alunos ficam liberados para pensar, de maneira mais direcionada, na forma correta de escrever. Nesse momento, são as decisões referentes ao registro que merecem maior atenção.

Objetivos gerais

- Perceber na escrita seu valor social e sua dimensão dentro e fora do contexto escolar.
- Produção de textos coerentes
- Domínio das regras gramaticais e dos recursos da linguagem escrita.
- Capacidade em produzir textos coerentes bem organizados linguisticamente.
- Compreensão do funcionamento discursivo dos diferentes modos enunciativos.
- Identificar e usar adequadamente os recursos da língua escrita para registrar o discurso direto e indireto, assim como outros recursos da língua escrita.

Objetivos específicos

- Produzir textos utilizando corretamente os sinais de pontuação.
- Produzir textos empregando a paragrafação de acordo a forma de estruturação do mesmo.
- Reconhecer as diferenças entre oralidade e escrita levando em consideração que essas duas modalidades da linguagem possuem características específicas.
- Fazer com que os alunos compreendam o erro como parte do processo e que não se sintam desestimulados ao errar.
- Incentivar a oralidade como expressão do pensamento.
- Reconhecer no texto sua intenção comunicativa, isto é, o aluno encontrar sentido no que irá escrever, não apenas escrever para dar uma resposta á escola e concluir uma tarefa.
- Reconhecer o gênero fábula em meio a outros gêneros.
- Reconhecer nos textos lidos, diferentes recursos discursivos, tais como inserção de vozes, uso de conectivos argumentativos entre outros.
- Produzir textos respeitando as características essenciais do gênero fábula.
- Reconhecer e utilizar nos textos construídos relações de causa e efeito.
- Organizar cronologicamente os fatos apresentados no texto, utilizando articuladores temporais para narrar a história.

- Apropriar-se dos procedimentos de revisão textual, compreendendo-os como parte integrante do processo de produção de texto.
- Refletir sobre os valores transmitidos nas fábulas.

Metodologia

“Vi e me Esqueci
Vi e Entendi
Fiz e Aprendi”
Confúcio

Todos os alunos da sala participaram da ação proposta, porque é importante que mesmo aqueles que ainda não estão alfabetizados se envolvam, participem das atividades e se sintam estimulados.

Utilizei o livro didático dos alunos, pois nele contem uma unidade onde são trabalhadas várias fábulas e as especificidades deste gênero textual, juntamente com a pontuação.

No início do trabalho houve primeiro uma interação com as características específicas deste gênero textual: presença de animais com características humanas, narração curta, uma mensagem ou ensinamento moral como desfecho da história.

Foi apresentado aos alunos as várias versões existentes de uma mesma fábula. Eles confrontaram uma com a outra e perceberam que uma mesma fábula pode ser escrita de várias formas de acordo com a intenção do autor. A fábula “A cigarra e a formiga” é um típico exemplo. Tomei como ponto de partida as versões que se encontram nos anexos deste trabalho para iniciar o plano de ação.

Os alunos observaram que em cada versão o autor muda o modo de contar uma mesma história e escolhem determinadas expressões lingüísticas. Na versão em cordel (presente no anexo deste trabalho) há um "toque brasileiro". Repare que a formiga diz à cigarra: "E dance um samba bem quente". Essa versão da fábula faz referência à literatura de cordel que é uma tradição de escrever essas histórias em forma de versos, como foi o caso do famoso fabulista francês, La Fontaine.

Na fábula de Esopo, há uma referência ao inverno que, na Europa, alcança temperaturas baixíssimas. Assim, o enredo, ao se referir a essa época do ano, enfatiza a necessidade da cigarra ter um lugar para se proteger. Há referência ainda à colheita do trigo, importante alimento naquelas paragens. Outro aspecto que os alunos observaram é a forma em que o narrador escolhe para retratar a cigarra: humilde, pedindo ajuda para não morrer: "Por favor, amiguinhas". O uso da expressão de boa educação e o diminutivo são elementos de argumentação usados pela cigarra, na tentativa de ser simpática, para alcançar seu objetivo de ser acolhida.

Na versão de Lobato, o narrador toma o partido da cigarra: "jovem cigarra", "cansadinha", "pobre cigarra", "tique, tique, tique" (recurso de linguagem que indica a fragilidade da cigarra), "sem abrigo em seu galhinho seco", "metida em apuros", , "asa a arrastar", "triste mendiga suja de lama", "a tossir", "toda tremendo". Quem pode resistir a uma criatura assim?

Na versão de Severino José, como a fábula começa pela moral (em muitas versões, ela está ao final do texto), o enredo tem o papel de confirmar o que já estava prenunciado nos dizeres da moral.

Para fazer as encenações das fábulas os alunos confeccionaram as máscaras de animais e em grupo escolheram uma fábula para encenarem e ensaiaram a apresentação da mesma. A encenação das fábulas teve como principal objetivo desenvolver a oralidade visto que a oportunidade de usar a fala em situações reais permite ao aluno desenvolver as competências necessárias para

Após trabalhar os sinais de pontuação dos textos, foi observado que os alunos começaram a utilizar a pontuação em seus textos de forma irregular, pontuando corretamente algumas frases e em outras deixando de pontuar. O texto a seguir exemplifica essa situação:

A cigarra e a formiga

A muito tempo existia uma formiga e uma cigarra que cantava.

Emquanto a formiga só trabalhava já estava chegando
o inverno e a cigarra ia só ficando com frio e fome
então ela foi até o seu guarda-roupa e sua geladeira
e não achou nada então foi a casa de formiga pedir comida:

_Oi formiga quer me dar comida
a formiga acrescentou: não! Agora dança

Aluna: Rebeca

Segundo Cardoso (2000,p.114) As crianças começam a utilizar os sinais de pontuação, de modo tateante nem sempre correto, nos textos iniciais aparecem o ponto final. As outras marcas (dois pontos, ponto de interrogação, exclamação e vírgulas aos poucos vão sendo usadas ou aprendidas o que denota um processo de diversificação.

A autora mostra através de gráficos como o uso da pontuação é um aprendizado que vai se firmando no decorrer dos 4 primeiros anos de escolarização.

A autora afirma que a pontuação é um dos aspectos que regulam e segmentam a escrita, desde as primeiras tentativas até os usos mais canônicos e representa um meio entre outros para dominar e equilibrar o texto como um todo.

De acordo com a autora é comum encontrar, especialmente nos textos das crianças mais novas, o fenômeno da subpontuação (nem todas as frases são delimitadas por pontos). Se cada frase não apresenta um ponto em seu final é porque não há, no nível da trama textual, uma ruptura importante, qual seja, mudança no tempo narrativo, mudança de atores, mudança do tipo de atividade, passagem da descrição de ações á formulação de regras, etc. ou, ainda, visto de uma outra forma: as frases terminadas com um ponto são aquelas que se acham num momento importante da ruptura, fim de um segmento ou de uma fase do texto.

Depois que os alunos já tiverem familiarizado com o gênero, após leituras individuais e coletivas e nos momentos de discussões sobre as fábulas lidas, eles fizeram uma produção de texto coletiva. Inicialmente foi apresentado vários animais, dos quais os alunos escolheram alguns para serem personagens da fábula.

Na correção dos primeiros textos, foi destacado a importância da coerência, visto que uma produção de texto bem feita não é apenas um texto sem erros. As idéias precisam estar claras para o leitor. Depois o enfoque maior foi dado à pontuação e paragrafação e por último analisamos os erros ortográficos.

Para facilitar a construção da fábula foi selecionado alguns ditados populares e dentre as opções disponíveis os alunos escolheram um que orientou o desenvolvimento da narrativa. Nesse momento foi necessário à discussão sobre os elementos da história como cenário conflito principal, os obstáculos e o desfecho.

À medida que as idéias foram colocadas pelos alunos, foi necessário chamar a atenção à necessidade de se fazer compreender pelo leitor, mantendo sempre fiéis as características do gênero.

No término dessa etapa, foi proposto aos alunos uma produção individual de uma fábula. Para facilitar essa produção e orientar o desenvolvimento da narrativa, foram dadas as seguintes orientações:

- Escolha um animal e o provérbio que melhor combina com uma atitude humana que ele possa representar.

Exemplos:

“Quem ao feio ama, bonito lhe parece.”

“Mentira tem perna curta.”

“Quem não arrisca não petisca.”

“Quem muito que nada tem.”

“Falar é fácil, difícil e fazer.”

“Um dia é da caça, outro é do caçador.”

“È nas horas difíceis, que se conhece os amigos.”

- Pensem na situação que o animal irá viver, de forma a transmitir o ensinamento do provérbio escolhido.
- Escolham que outros personagens farão parte da história.
- Façam primeiro um rascunho, lembrando que uma fábula deve conter:
 1. Uma situação-problema
 2. Uma consequência
 3. Um ensinamento
- Dêem um título à fábula

Após a construção de algumas produções coletivas, foi solicitado a construção individual de uma fábula. Depois de ler os textos e fazer as observações individuais sobre as dificuldades específicas de cada um. Foi escolhido duas fábulas (dos alunos Madson e Camila) cujas elaborações se evidenciavam as dificuldades mais gerais da turma, para ser feito uma reescrita coletiva.

É importante fazer com que os alunos se sintam como escritores, esclarecendo a eles que todo escritor, antes de mandar o livro para ser publicado por uma editora, precisa fazer uma revisão do texto escrito, para que a narrativa seja compreensível para o leitor.

Os alunos foram orientados a fazerem uma auto avaliação, dos textos produzidos, respondendo essas perguntas, no momento da revisão textual:

- As personagens são adequadas para uma fábula e se comportam como os seres humanos;
- Coloquei uma moral na fábula;
- O ensinamento transmitido na moral da fábula combina com o conflito criado;
- A consequência está narrada claramente;
- Os diálogos foram identificados corretamente através do uso dos dois pontos e travessão;
- O título ficou adequado à fábula;

- A fábula está fácil de ser compreendida para o leitor do meu texto.

Para finalizar o trabalho (plano de ação), foi feito um livro de fábulas “As mais belas fábulas” (título escolhido pela turma).Com as produções dos alunos.

Depois que o livro ficou pronto, foi apresentado as outras duas turmas do 3º ano em uma manhã cultural, onde cada aluno fez a apresentação da sua fábula. Esse trabalho justifica-se pela necessidade de incentivar o aluno a escrever para outro destinatário, que não seja apenas a sua professora, visto que a principal função da escrita na sociedade é a de promover a comunicação entre as pessoas.

Cronograma

Atividades	Objetivos	Tempo
Leitura da fábula “o sapo e o boi” (que se encontra no livro didático dos alunos), colorir todos os sinais de pontuação presentes na fábula, justificando o emprego dos mesmos.	Perceber a importância dos sinais de pontuação como recurso da escrita.	Uma aula
Fazer uma encenação da fábula “o sapo e o boi”.	Trabalhar a oralidade, a expressão corporal e a compreensão da fábula.	Uma aula
Apresentar as diferentes versões da fábula “a cigarra e a formiga”.	Perceber como uma Mesma fábula pode ser escrita de várias formas dependendo das escolhas do autor e do gênero empregado.	Duas aulas
Fazer uma reescrita da fábula “A cigarra e a formiga”.	Analisar as principais dificuldades dos alunos na produção de textos.	Uma aula
Escrever a fabula da cigarra e da formiga mudando o final da história.	Trabalhar a criatividade e originalidade dos	Uma aula

	alunos.	
Leituras individuais e coletivas de várias fábulas	Trabalhar a leitura fluente	Cinco aulas
Produção coletiva de uma fábula	Produzir uma fábula observando as especificidades desde gênero textual.	Uma aula
Apresentação do DVD “Fábulas inesquecíveis”	Conhecer as adaptações da fábula nos desenhos e trabalhar a arte visual.	Uma aula
Apresentar aos alunos vários tipos de animais e solicitá-los a escolherem alguns para produzirem uma fábula.	Incentivar os alunos a produzirem textos de forma autônoma.	Uma aula
Texto fatiado para ordenar	Fazer com que os alunos percebam a estruturação do texto em parágrafos e a importância ordenação dos fatos para que o texto se torne coerente.	Duas aulas
Fazer um bilhete para um colega pedindo emprestado um livro de fábulas	Aprender a fazer um bilhete compreendendo sua função e características.	Uma aula
Fazer a correção da fábula	Perceber as	Duas aulas

escrita pelos colegas.	dificuldades dos colegas e tentar corrigir as mesmas.	
Leitura e observação da estruturação da fábula o cão e o osso em duas versões diferentes	Conhecer os diferentes recursos gráficos, utilizados pelos autores, para dar uma maior ênfase as ações dos personagens.	Uma aula
Identificar nas fábulas a cigarra e a formiga, o sapo e o boi e o Leão e o ratinho: o cenário, personagens, conflito e o ensinamento.	Interpretar e fazer inferências nas informações implícitas e explícitas dos textos.	Três aulas
Apresentar alguns provérbios e pedir aos alunos para produzirem fábulas que ilustre os mesmos.	Produzir textos tendo como base um direcionamento.	Uma aula
Apresentar aos alunos a fábula “o leão e o rato” sem pontuação e solicitar aos alunos que faça a pontuação da mesma.	Perceber a importância dos sinais de pontuação para a compreensão e organização de um texto.	Uma aula

Avaliação dos resultados

Eis que é chegado o momento de fazer uma avaliação do meu plano de ação. Ao ler as produções atuais dos meus alunos comparo-as com as do início do ano e percebo claramente o desenvolvimento de cada aluno.

Considero os resultados positivos porque foram frutos do encontro entre teoria e prática. Esses resultados além de serem facilmente observados nos textos das crianças (presentes nos anexos deste trabalho), foram diagnosticados também na última avaliação de português. Ao trabalhar a produção de texto foram alcançadas outras capacidades importantes como a leitura fluente, interpretação e a oralidade.

Seria pretensão afirmar que todos os objetivos traçados, foram alcançados por todos os alunos, mas considero importante avaliar como sendo parte de um processo que muito contribuiu para melhorar a capacidade dos alunos na produção de textos escritos.

Observei que quando a escrita assume uma finalidade e um objetivo claro para os alunos a motivação para escrever está garantida. Um exemplo disso foi a escrita da carta para o “Papai Noel” projeto de iniciativa dos correios. Onde houve um grande interesse da turma em participar da atividade, visto que, a mesma possui um objetivo bem intrínseco. O ato de escrever assumiu um outro valor para os alunos. Produzem textos com autonomia e o que é mais importante o que era um martírio tornou-se um prazer.

Enfim quero ressaltar o quanto essa experiência acrescentou em minha prática na sala de aula. Tenho um novo olhar sobre as dificuldades dos meus alunos nas aulas de produção de texto. O ato de ensinar possui uma grandiosidade e uma beleza que compõem as duas faces de uma mesma moeda, ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo, como já dizia Guimarães Rosa: “Mestre não é aquele que ensina, mas quem de repente aprende”

Referências Bibliográficas

COSTA VAL, Maria da Graça; VIEIRA, Maria Lourenço. *Produção de textos escritos*. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG,2005. Belo Horizonte (caderno do professor)

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; SILVA, Ceris Salete Ribas. *A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula*. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG,2005. (caderno do professor)

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. 2000. 344 f. Tese (Doutorado), *A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal*. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte ,2000.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães, Magda. 1995, 262f.. Dissertação (mestrado). *Tipologia textuais e a produção de textos na escola*. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,1995.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana, Magda. 1991, 225f. Dissertação (mestrado). *A escrita aprisionada: uma análise da produção de textos na escola*. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

[Http://antigo.revistaescola.abril.com.br/PrintPlanoAula.shtm](http://antigo.revistaescola.abril.com.br/PrintPlanoAula.shtm)/acesso em :17/03/2010.

Anexos

1) A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece uma cigarra:

_Por favor, formiguinhas, me dêem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram:

_Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

_Para falar a verdade, não tive tempo, passei o verão cantando! Respondeu a cigarra.

_Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando. Disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral: *Os preguiçosos colhem o que merecem*

("Fábulas de Esopo" - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004)

2) A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas no eterno trabalho para de abastecer o formigueiro.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu: *tique, tique, tique...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho.

_Que quer?-perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

_Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu estou com fome e frio.

A formiga olhou-a de alto a baixo.

_E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

_Eu cantava, bem sabe...

_Ah!, exclamou a formiga recordando-se. _Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós trabalhávamos.

_Isso mesmo.

_Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre amiga, que aqui, terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

(Monteiro Lobato - Fábulas, São Paulo, Editora Brasiliense, 1966)

3) A cigarra e a formiga

Aquele que trabalha
E guarda para o futuro
Quando chega o tempo ruim
Nunca fica no escuro
Durante todo o verão
A cigarra só cantava
Nem percebeu que ligeiro
O inverno já chegava
E quando abriu os olhos
A fome já lhe esperava
E com toda humildade
À casa da formiga foi ter
Pedi-lhe com voz sumida
Alguma coisa pra comer
Porque a sua situação
Estava dura de roer
A formiga então lhe disse
Com um arzinho sorridente
Se no verão só cantavas
Com sua voz estridente
Agora aproveitas o ritmo
E dance um samba bem quente.

(Cordel: Severino José, São Paulo: Editora Hedra, 2004)

4)Sem barra

Enquanto a formiga
Carrega comida
Para o formigueiro,
A cigarra canta,
Canta o dia inteiro.
A formiga só trabalha
A cigarra é só cantiga.
Mas sem a cantiga
Da cigarra
Que distrai da fadiga,
Seria uma barra
O trabalho da formiga.

José Paulo Paes-Olha o bicho-editora àtica,

O leão e o rato

Um leão foi acordado por um rato que passou correndo sobre seu rosto. Com um salto ágil ele o capturou e estava pronto para matá-lo, quando o rato suplicou:

- Se o senhor poupasse minha vida, tenho certeza que poderia um dia retribuir sua bondade.

O Leão deu uma gargalhada de desprezo e o soltou.

Aconteceu que pouco depois disso o leão foi capturado por caçadores que o amarraram com fortes cordas no chão.

O rato, reconhecendo seu rugido, se aproximou, roeu as cordas e libertou-o dizendo:

- O senhor achou ridícula a idéia de que eu jamais seria capaz de ajudá-lo. Nunca esperava receber de mim qualquer compensação pelo seu favor; Mas agora sabe que é possível mesmo a um rato conceber um favor a um poderoso leão.

Autor: Esopo

Moral da História: Os pequenos amigos podem se revelar grandes aliados.

O LEÃO E O RATO (La Fontaine)

Vale a pena espalhar razões de gratidão:
Os pequenos também têm sua utilidade.
Duas fábulas mostrarão
que eu não estou falando senão a verdade.

Ao sair do buraco, um rato,
Entre as garras terríveis de um leão, se achou.
O rei dos animais, em mui magnânimo ato,
Nada ao ratinho fez, e com vida o deixou.
A boa ação não foi em vão.
Quem pensaria que um leão
Alguma vez precisaria
De um rato tão pequeno? Pois é, meu amigo,
Leão também corre perigo,
E aquele ficou preso numa rede, um dia.
Tanto rugiu, que o rato ouviu e acudiu,
Roendo o laço que o prendia.

Mais vale a pertinaz labuta
Que o desespero e a força bruta.
Para ilustrar a mesma moral, La Fontaine expressa nos versos iniciais.

O sapo e o boi

O sapo coaxava no brejo quando viu um boi se aproximando do rio para beber água.

Cheio de inveja ele disse para os amigos:

- Querem ver como eu fico do tamanho desse animal?

-Impossível!- respondeu o pato.

-Absurdo!- comentou a coruja.

- Esqueça!- disse a garça.

Então, para o espanto de todos, o sapo estufou a barriga e aumentou de tamanho.

-Viram só? Eu não disse que conseguiria?-gabou-se o sapo.

-Pois fique sabendo que você não conseguiu alcançar nem as patas dele!-comentou a garça.

-Inconformado, o sapo continuou a estufar.

-E agora, Já estou do tamanho dele?- perguntou novamente.

-Só se for do tamanho de um bezerro- respondeu o pato. _e é bom parar com isso antes que se machuque.

- Só vou parar quando ficar maior do que o boi!

Sem dar ouvidos aos amigos, o sapo estufou tanto que explodiu como um balão de gás.

-È nisso que dá não se conformar com o que se é...-disse a coruja, que não pensava em outra coisa a não ser continuar sendo ela mesma.

Moral da História: Não tente imitar os outros, seja sempre você mesmo.

Jean de La Fontaine, adaptação de Lúcia

Tulchinski. Fábulas de Esopo. São Paulo:

Scipione, 1998.p.14

O cão e o osso

Um cão, com um pedaço de carne na boca, atravessa a ponte sobre o rio. Olhando para baixo, viu a própria sombra dentro da água.

Pensando que o reflexo era um outro cão com um pedaço maior de carne na boca, decidiu roubá-lo e, para fazer isso, abriu as mandíbulas. O pedaço de carne que ele segurava na boca caiu no rio e foi-se embora...

“Quem tudo quer tudo perde.”

(Guilherme Figueiredo. Fábulas de Esopo.

São Paulo: Ediouro, 2001.)

O cão e o osso

Era

Uma

Veza

Um

Cão

Que

Era ganancioso, voraz e queria tudo só para si.

E

Ele

Achou

Um

Ossão

Que

Era grandão, carnudo, perfeito.

- Meu! – disse o cão.

-TODO MEU!

E ele pegou osso com seus dentes afiados

E correu.

Produção inicial dos alunos

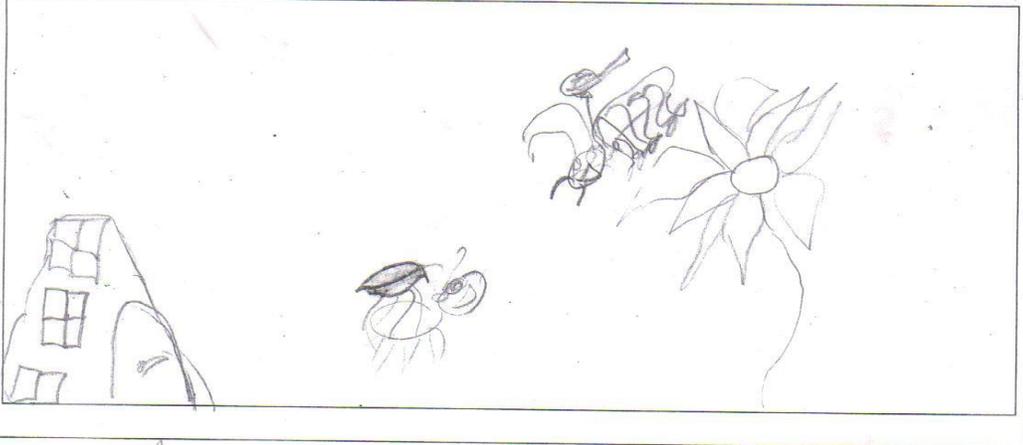
RECONTO DE UMA FÁBULA

A CIGARRA E A FORMIGA : 10/05/10

ERA UMA VEZ UMA CIGARRA, QUE
SOÇABIA CANTAR E QUANTO A FORMIGA
TRABALHAVA E CHEGOU O INVERNO
A FORMIGA OUVIU BARULHO NA SUA PORTA
A FORMIGA ABRIU E ERA A CIGARRA PETINHO
COMIDA A FORMIGA PEGU TO O QUE FOCE
FICOL RA SENO NO VERAN A CIGARRA RESPONDE
FI QUEI CADANDO NO VERAN EN DA CEDANCA

FIN

ILUSTRAÇÃO



Ana Carolina

10/5/2010

A CIGARRA E A FORMIGA

A FORMIGA SO FICAVA TRABALHANDO

A CIGARRA SO FICAVA CANTANDO

QUANDO O INVERNO CHEGOU

A CIGARRA BATEU TOQUE TOQUE

AI ABRIU A PORTA

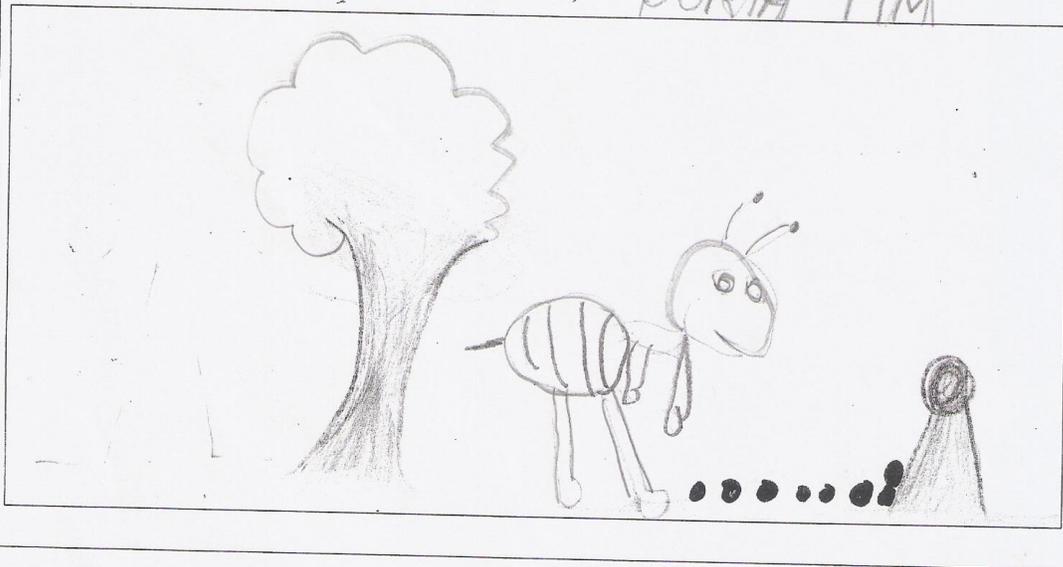
E ESTOU MORRENDO DE FOME

O QUE VOCE FES NESTE VERAO

LAMTANDO ENTAO CIVIRA AI FECHO A

ILUSTRAÇÃO

PORTA FIM



camila

Produção final dos alunos.

A cigarra e a formiga

Era uma vez, uma cigarra que só
sabia cantar. Enquanto a formiga
trabalhava. Chegou então
o inverno e a formiga abriu um
burulho na sua porta.

A formiga abriu e era a
cigarra pedindo comida.

A formiga perguntou:

- O que você ficou fazendo no
verão? A cigarra respondeu:
fiquei cantando no verão.

A formiga falou:

- Então você dança!

camila

10/11/2010



03/11/2010

A formiga boa e gentil

Era uma vez uma cigarras que ficava cantando em quanto a formiga trabalhava. Em tão a cigarras disse:

- Eu vou a casa da dona formiga e foi. Quando chegou lá a cigarras bateu na porta, toc, toc, e a formiga disse:

- Quem é que tá batendo na minha porta?

A cigarras respondeu:

- Dói eu dona cigarras. Eu posso entrar aí até o inverno acaba? A formiga respondeu:

- Pode sim entrar.

Eu a formiga cuida da cigarras e a cigarras cantou para a formiga

Madson

